

Efeitos de resistência no discurso do Jornal Sou de Palmas: uma análise dos dizeres acerca da postagem de Melqui Azevedo

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2025.23.2.9733>

Damião Francisco Boucher¹, Thiago Barbosa Soares²

Resumo: Este artigo analisa o discurso de resistência em uma das várias redes de dizeres midiáticas que se coloca como defensora da imagem do Norte e sobretudo de Palmas, capital do Tocantins. Como ferramenta teórico-metodológico, utiliza-se o método foucaultiano constituído pelas noções de arquivo, formação discursiva e enunciado. O corpus a ser analisado foi publicado no Jornal Sou de Palmas, no dia 05 de dezembro de 2022, com o título “DEU O QUE FALAR! Humorista diz que “Palmas parece interior” e revolta internautas: “Foi na capital para ficar falando mal da cidade”. Ao final desse percurso analítico, espera-se entender o funcionamento dos dizeres midiáticos tocantinense como um contrapoder a serviço da interdição e da luta contra a projeção humorística que redesenha o Norte como o lugar da falta.

Palavras-chaves: Interdição, Discurso do Norte, Liberdade de expressão, Resistência.

Effects of resistance in the discourse of the Jornal Sou de Palmas: an analysis of the sayings about Melqui Azevedo's post

Abstract: This article analyzes the discourse of resistance in one of the various networks of media sayings that defend the image of the North and especially of Palmas, capital of Tocantins. As a theoretical-methodological tool, the Foucauldian method is used, consisting of the notions of archive, discursive formation and statement. The corpus to be analyzed was published in the Jornal Sou de Palmas, on December 5, 2022, with the title “DEU O QUE FALAR! Comedian says that “Palmas looks like an interior” and netizens are angry: “He went to the capital to talk bad about the city”. At the end of this analytical journey, we hope to understand the functioning of Tocantins media sayings as a counterpower in the service of interdiction and the fight against the humorous projection that redesigns the North as the place of lack.

Keywords: Interdiction, Northern Discourse, Freedom of expression, Resistance.

Considerações iniciais

É amplamente conhecida a força que a liberdade de expressão, a licença poética e a humorística tomam nas sociedades modernas e tidas como democráticas, porquanto os mecanismos jurídicos amparam uma gama de manifestação humana nessa direção. Em

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins – UFT, Porto Nacional, Tocantins, Brasil, boucherplace@gmail.com <https://orcid.org/0000-0001-8325-1603>

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, professor no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT. E pesquisador bolsista de produtividade do CNPq, thiago.soares@mail.uft.edu.br <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>

qual direção essas instituições jurídicas, midiáticas pedagógicas etc. compelem o sujeito em sociedade? Segundo Foucault (2018, p. 279), aquilo que as representam, isto é, o poder, “não para de nos interrogar, registrar e institucionalizar a busca da verdade, profissionaliza-a e recompensa-a”. Assim, a sociedade deve caminhar na direção que esses regimes de saber/poder estabelecem, porquanto, por eles, “somos obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2018, p. 279).

Nesse mesmo direcionamento, a constituição da República Federativa do Brasil representa esse saber/poder. Em seu Artigo 5º, inciso IX, encontra-se a afirmação de que “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença” (BRASIL, 2022, p. 14). Anterior a esse inciso, mais especificamente no IV, afirma-se que “é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato” (BRASIL, 2022, p. 13). Assim, nessa esteira epistemológica sobre a força da liberdade em geral, mas na contramão da abertura do livre expressar, compreende-se que nessas mesmas sociedades democráticas há uma ordem quase imperceptível, mas materialmente presente que regula, restringe e exclui (FOUCAULT, 2014) sujeitos e sentidos.

Diante dessa constatação, Paul Veyne (1998) afirma que a relação do sujeito com mundo é indissociável da liberdade, sua causa final. De outro modo, “a vida quotidiana bastaria para esclarecer nossa escolha, e o historiador mais profundo não encontrará nunca outra coisa, no final de seus trabalhos, diferente da achada no início: “matéria” e liberdade” (VEYNE, 1998). Dessa forma, pela busca da liberdade, o sujeito precisa seguir a ordem jurídica, esse regime de saber/poder que representa “o edifício jurídico das nossas sociedades” (FOUCAULT, 2018, p. 280) e permite o “poder-fazer”.

Dessa maneira, o dizer, o não dizer e a interdição são determinados pelos conjuntos de crenças e de valores os quais delimitam cada formação social. De outro modo, como mencionado, são os regimes de saber/poder em dado espaço/tempo que “traz para o indivíduo um maior grau de responsabilidade segundo o qual ele pode escolher ações e arcar com suas consequências” (SOARES, 2022, p. 130). Por essa razão, se por um lado a relação do sujeito com o mundo é indissociável da liberdade, por outro lado, este mesmo sujeito é compelido pelo poder a estar atravessado por uma vontade de verdade (FOUCAULT, 2018).

Nesse sentido, a liberdade de expressão se esbarra no princípio universal da causa e efeito posta por esses regimes de saber/poder e encontra-se nessa encruzilhada de determinações com o seu oposto, a saber, a interdição da expressão que, sob a forma de resistência, e também amparada pela égide jurídica, faz-se presente no circuito social, materializando-se pelos mesmos mecanismos jurídicos mencionados nessa seção.

Dessa perspectiva, a interdição, o “poder-fazer-calar” é estabelecido na mesma constituição pelo Artigo 5º, inciso X. Nele a interdição se perfaz justamente pela inviolabilidade da intimidade, da vida e da honra, e da imagem das pessoas, “assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação; (BRASIL, 2022, p. 14).

Diante desse esclarecimento sobre o funcionamento da liberdade de expressão e da interdição como regime de saber e de poder, como reguladora imanente, expõe-se, no plano de fundo dessa dinâmica, o humor como manifestação do pensamento, como livre expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação (BRASIL, 2022). E sendo um campo, como assim quer Possenti (2018, p. 13), “tem regras e desafios [...] sistema ou espaço estruturado de posições [...] de lutas e de concorrência”. Nesse contexto de embates entre formações discursivas distintas sobre os limites da liberdade, atualmente observa-se um crescimento, tanto em número quanto em gênero, de trabalhos humorísticos que se elevam exponencialmente numa difusão quase incontrolável através das redes sociais e, sobretudo, através da veiculação no *YouTube* e no *Instagram*, trazendo à baila os dizeres que projetam dada região.

Alguns desses gêneros misturam o humor televisivo com a comédia em pé, produzindo esquetes de curta duração ou, comentários e dicas de viagem com teor humorísticos. Em contrapartida, também é crescente a rede de sentidos midiáticos cujo trabalho de difusão pauta-se na regulação dos limites do humor. Na esteira desse embate, o presente artigo procura responder dois questionamentos ao final desse percurso analítico, a saber, no tocante ao embate de forças entre mídia jornalística e humorista, em que medida o Jornal Sou de Palmas se posiciona como o sujeito da restrição, aquele que exclui o direito de expressar-se livremente? Na contramão dessa visão, em que medida, o mesmo jornal se coloca como resistência a um arquivo dinâmico que tenta alocar o Norte e, mais especificamente, Palmas, Tocantins, como o lugar da falta, por meio dos enunciados humorísticos?

A partir desse prisma que projeta de um lado a luta pelo fazer humorístico e do outro a resistência que tenta estabelecer limites a um humor-posição, este artigo toma a

matéria midiática, como um acontecimento, como materialidade enunciativa analisável. Para melhor compreensão da materialidade a ser investigada, *“Es necesario decir que el acontecimiento se refiere tanto al acto único de enunciación como a la historia con la que este acto guarda su relación discursiva subyacente”*³ (SOARES, 2023, p. 59).

Dessa forma, o acontecimento, ou melhor, o objeto de análise em questão foi publicado no Jornal Sou de Palmas, no dia 05 de dezembro de 2022, com o título “DEU O QUE FALAR! Humorista diz que “Palmas parece interior” e revolta internautas: “Foi na capital para ficar falando mal da cidade”. Diante desse corpus, tem-se por objetivo analisar o discurso de resistência que, em certa medida, funciona como interdição do “poder-dizer” e tenta estabelecer certas limitações à liberdade de expressão, a qual é calcada juridicamente nos ideais democráticos.

Como ferramental teórico-metodológico, utiliza-se o método foucaultiano, constituído pelas noções de arquivo, formação discursiva e enunciado (FOUCAULT, 2014) os quais possibilitam uma visada mais detalhada do funcionamento desses regimes de saber/poder. Ao final desse percurso analítico, espera-se entender o funcionamento dos dizeres midiáticos tocantinense como um contrapoder a serviço da interdição e da luta contra a projeção humorística que redesenha o Norte como o lugar da falta; que procura perpetuar a relação historicamente assimétrica de poder sobre essa região sob a égide da derrisão (POSSENTI, 2018).

Considerações teórico-metodológicas

Inicialmente é preciso compreender que a Análise do Discurso, como um acontecimento que não se encerrou (SOARES, 2020), não se confunde com a Hermenêutica. Antes disso, aparta-se dela por diversas razões, mas sobretudo pela prática de interpretar corretamente a palavra ou mesmo pelo enfoque teórico dado aos processos psicológicos, valorizados pela Hermenêutica (SCHLEIERMACHER, 2006). Esse movimento de ruptura somente foi possível devido ao questionamento acerca das relações de poder que muitos pensadores empreenderam em suas respectivas conjunturas.

Por essa razão, como ressalta Soares (2020), 1969 foi um marco histórico que encerrou diversos trabalhos hermenêuticos pelas publicações de duas relevantes obras para a fundamentação da Análise do Discurso, a saber, “Análise Automática do Discurso,

³ Tradução livre: “É necessário dizer que o acontecimento tanto se refere ao ato único de enunciação quanto à história com a qual esse ato guarda sua relação discursiva subjacente” (SOARES, 2023, p. 59).

de Michel Pêcheux, e *A Arqueologia do Saber*, de Michel Foucault” (SOARES, 2020, p. 167). Nesta última obra, Michel Foucault, ao analisar e definir a materialidade central do enunciado e da função enunciativa em relação aos discursos, considera o próprio discurso como um domínio geral de todos os enunciados, mas faz ressalvas de que “não é preciso remeter o discurso à longínqua presença de origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância” (FOUCAULT, 2017, p. 31), considerando sua organização na totalidade, isto é, arquivo, formações discursivas e enunciado.

Por consequência, Foucault toca o tema liberdade ao refletir sobre a ordem desses discursos que perpassam as sociedades e afetam sujeitos e sentidos pela triangulação do “poder, direito e verdade” (FOUCAULT, 2018, p. 278). Assim, segundo Gonçalves (2012, p. 69), a liberdade em Foucault é o elemento sem o qual nem o poder, nem a ética podem existir”. De outro modo, o poder causa seus efeitos no momento em que alguns sujeitos procuram conduzir a ação de outros e, nesse momento, há a restrição do poder do outro (SOARES, 2025). Desse modo, para Foucault, somente como um método capaz de “escavar”, dessoterrar as relações de saber/poder seria possível uma relação menos ingênua com os poderes, a vontade de verdade e o direito. Dessa maneira, o método arqueológico (FOUCAULT, 2017) estabelece uma divisão a qual possibilita um exame mais acurado sobre essas relações (SOARES, 2023), partindo da delimitação de um arquivo, de um campo; da investigação e rastreamento de formações discursivas e, por fim, da delimitação, da descrição e interpretação de enunciados.

Desse prisma epistemológico, entende-se que, para Foucault (2017), os discursos se dividem em campos distintos, mas obedecem a regras comuns e a um mesmo sistema de formação, o qual o próprio autor denomina de formação discursiva. Essa noção vai além da ideia de conjunto de vocábulos utilizados num determinado campo da vida social (SOARES, 2025). Para Foucault (2017), as formações discursivas, além de servir-se do formalismo linguístico, são também concebidas como uma regularidade historicamente determinada por separações, as quais se constituem pelos regimes de saber/poder, pelas verdades contidas em cada formação discursiva. Nesse mesmo sentido, as formações discursivas exercem, no trabalho significativo, a divisão, a delimitação entre formações sociais por meio de um sistema de exclusão que também “apoia-se sobre um suporte institucional” (FOUCAULT, 2014, p. 16).

Por esse motivo, de acordo com Revel (2005, p. 13), “o método arqueológico foucaultiano busca [...] reconstituir atrás do fato toda uma rede de discursos, de poderes, de estratégias e de práticas”, indo do geral, ou melhor, partindo do arquivo, passando

pelas formações discursivas e chegando no mais singular, isto é, o enunciado. A partir desses esclarecimentos, observa-se que o arquivo e as formações discursivas representam todo um sistema de enunciados. Por fim, sobre o enunciado, cabe ressaltar que tanto a noção deste quanto a noção de arquivo são fulcrais para o método analítico foucaultiano, uma vez que, de acordo com Soares, (2025, p. 123), “o enunciado é o expediente por meio do qual se torna possível analisar a formação discursiva”. De outro modo, “no enunciado, encontram-se elementos estruturalmente organizados segundo normas socialmente estabelecidas, direcionados pela formação discursiva na qual se inscreve” (SOARES, 2025, p. 123).

Para Foucault, o enunciado representa “uma função que cruza um domínio de estruturas possíveis e que faz com que elas apareçam, com conteúdos concretos, no espaço e no tempo” (RAFFIN, 2020, p. 57) Ou seja, os enunciados podem ser concebidos como acontecimentos discursivizados. Estes que, pela relevância que Foucault dá à descontinuidade histórica, podem ser analisados como uma singularidade, considerando seu próprio espaço/tempo de aparição. Pela abrangência da definição de enunciado em Foucault, opta-se por estabelecer que no corpus a ser analisado, tomar-se-á o enunciado escrito como ponto de partida analítica.

Portanto, após esse breve recenseamento teórico-metodológico que possibilitou a compreensão do funcionamento do ferramental operacional e de noções relevantes como arquivo, formação discursiva, enunciado, bem como as relações de saber/poder e o acontecimento sendo uma singularidade histórica, passa-se à aplicabilidade do aparato na seção de análise.

Análise: resistência no discurso do Jornal Sou de Palmas

Cabe, antes da apropriação analítica do objeto eleito para compor o corpus desta investigação, traçar sinteticamente as linhas gerais do Jornal Sou de Palmas. Nesse Direcionamento, o sítio virtual do periódico indica precisamente o seguinte a seu próprio respeito: “O jornal Sou de Palmas é um site de notícias que nasceu com a proposta de fazer um jornalismo de referência para o estado do Tocantins, fundado em 2018 pelo professor e jornalista Ramon Macedo, o jornal tem como objetivo manter a população informada” (JORNAL SOU DE PALMAS, 2023). Assim, o conjunto de enunciados (FOUCAULT, 2017) que integram seu dispositivo são tomados como significativos e, logo, importantes para seu público-alvo. Caso esse de “DEU O QUE FALAR! Humorista diz que “Palmas parece interior”.

Inicialmente é preciso pontuar o procedimento didático desse percurso analítico. Tal processo inicia-se na descrição da matéria-enunciado publicada no *Jornal Sou de Palmas*, no dia 05 de dezembro de 2022, com o título “DEU O QUE FALAR! Humorista diz que “Palmas parece interior”. Esse primeiro momento permitirá compreender a racionalidade e a ordem das forças contrastivas do embate discursivo, transformando o documento em monumento (RAFFIN, 2020) e buscando perceber o funcionamento daquilo que funciona em silêncio.

Desse ponto na qual o exame arqueológico, isto é, a verificação do campo constitutivo dos saberes faz-se necessário, será posto em correlação o rastro e as marcas discursiva que constituem o discurso sobre o Norte, mais especificamente, dizeres acerca de Palmas, e o discurso midiático de resistência que compõe a matéria-enunciado. Após essa breve explanação, passa-se à análise.

DEU O QUE FALAR! Humorista diz que “Palmas parece interior” e revolta internautas: “Foi na Capital pra ficar falando mal da cidade” Os moradores da Capital sentiram que o humorista diminuiu e desrespeitou a cidade.



Foto: Reprodução/Instagram

Durante este final de semana, o **Jornal Sou de Palmas** apurou que as declarações de um humorista sobre a Capital irritou inúmeros palmenses e repercutiu nas redes sociais. O mesmo, Melqui Azevedo, conhecido por dar dicas de forma descontraída na internet, esteve de viagem e publicou em seu *Instagram* vários cliques da cidade, porém, os internautas perceberam deboche nas postagens. Nas publicações, o humorista diz que quase não há prédios e entre risadas fala a respeito do maior *Shopping Center* do município ter um único pavimento: “Capital, mas parece interior” escreveu ele. Em outro post, registrando o lago, ele menciona: “A orla da praia da graciosa é uma graça! Bem aconchegante e rodeada de belezas naturais. Detalhe que Tocantins não tem praia, mas essa é a maneira que eles chamam alguns rios ou lagos”.



Foto: Reprodução/Instagram

Os palmenses não ficaram nada satisfeitos e as menções das redes sociais sobre a situação foram na maioria de repúdio. Os moradores da Capital sentiram que o humorista diminuiu e desrespeitou a cidade. “Repúdio o comentário do humorista Melqui Azevedo. Palmas é a melhor capital para se viver e a única capital planejada do País. Tenha respeito pela nossa história e tenha um pouco de senso de pedir desculpas a todos os palmenses!!!!”, falou uma delas. “Esse turista q se diz humorista querendo diminuir minha Capital! Meu anjo o shopping tem só um pavimento pq aqui é uma cidade planejada e temos espaço, temos mt mais prédios aqui do que esses que você mostrou. “Sem noção”. Disse mais uma. Além disso uma mobilização aconteceu e foram até o *Instagram* do humorista registrar a indignação com mais de 500 comentários [...] (REDAÇÃO, 2022, p. 1)

Inicialmente a redação do Jornal Sou de Palmas faz uma breve descrição sobre o acontecimento. No recorte enunciativo “apurar as declarações de um humorista”, vê-se o estabelecimento de relações de força contrastivas, alocando Melqui Azevedo na posição de humorista e o próprio jornal como apurador, investigador do acontecimento discursivo. No entanto, percebe-se que, mesmo posicionando o mencionado sujeito no campo humorístico, pelo regime de saber/poder, o Jornal Sou de Palmas se coloca numa posição de prestígio e credibilidade, porquanto a instituição jornalista tem a prerrogativa de investigar, de “apurar” fatos, no entanto, apaga-se o fato de que este é um dispositivo de práticas discursivas (SOARES, 2025), o qual estabelece uma dada representação, como um espelhamento ideológico funcionando como oposição o que se diz sobre Palmas. Mas investigar o quê? Se as declarações do humorista se encontra dentro do saber humorístico ou fora dela, deslizando para um dizer de depreciação?

Ao examinar o site jornalístico e suas memórias, percebeu-se que a matéria-enunciado publicada pelo Jornal Sou de Palmas faz parte de uma série de acontecimentos discursivizados sobre a Capital Palmas, dispersa no espaço e no tempo, os quais constituem o arquivo do sujeito-jornal. Como Foucault (2017) ressalta, o enunciado vai

além de uma proposição, de uma frase, de um ato de fala ou mesmo de um gráfico. Como enfatiza Soares, (2025, p. 123) o enunciado “não pode ser depreendido fora da formação discursiva na qual se localiza”. Nesse sentido, a matéria-enunciado é composta de frases, figuras e *hyperlinks* que direcionam o leitor à visão de que a cidade de Palmas, apesar de estar sendo divulgada para o Brasil e para o mundo, está sendo “diminuída” e “desrespeitada”.

Ora, não se esperaria menos de um jornal que tem como nome “Jornal Sou de Palmas”. O enunciado que denomina o nome da mídia jornalística representa a reverberação de um sistema de enunciados disperso na historicidade, o qual marca a posição nacionalista, ou melhor, regionalista, que denota orgulho de pertencimento, “Sou de”, espalhando a oposição ideológica ao humorista. Esses efeitos do discurso jornalístico se constituem por uma vontade de verdade que apaga, pelo menos por hora, outra vontade de verdade sustentada pelas instituições midiáticas, por esses dispositivos de práticas discursivas (SOARES, 2025), a saber, o ideal de imparcialidade e o compromisso com a verdade. Um “sou de”, além de marcar um espaço geográfico, baliza também uma posição subjetiva de saber/poder.

Essa recorrência aparece em diversas variantes enunciativas, por exemplo, “Sou da terrinha do pão de queijo” (COELHO, 2015, p. 1), em referência ao Estado de Minas Gerais e a famosa música de Nelson Biasoli, criada em 1949, para uma competição escolar, que ecoa nos estádios de Futebol um “Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor” (ORÁCULO, 2017). Por consequência, são esses arquivos (FOUCAULT, 2017), submerso na interdiscursividade que possibilitam os sentidos do espírito da regionalidade emergirem na atualização dos sentidos no discurso do Jornal Sou de Palmas. Ou seja, nota-se não uma instituição norteadada pela imparcialidade do que se diz, mas um dispositivo de práticas discursivas que impõe seu poder historicamente soberano de comentar a realidade, acabando por modificá-la (SOARES, 2025).

Por esse motivo, os recortes enunciativos “apurar”, “Os palmenses não ficaram nada satisfeitos”, “Repúdio o comentário do humorista Melqui Azevedo”, “Tenha respeito pela nossa história”, entrelaçados por todo enunciado-matéria, denotam o ato investigativo da mídia jornalística e, consequentemente, sua posição em defesa da Capital, fazendo parte de uma regularidade histórica de uma parcela do campo jornalístico tocaninense e, mais especificamente, parte de um discurso de resistência contra a rede de dizeres que tenta apagar o Norte e, sobretudo, colocar o estado do Tocantins como o lugar da falta (SOARES; BOUCHER, 2023). Para além de uma aparente atitude natural, o

discurso de resistência surge como um espelhamento diametralmente oposto do discurso hegemônico que hierarquiza regiões e sujeitos(SOARES, 2025).

Para examinar de forma mais acurada a continuidade do discurso sobre o Norte e, portanto, compreender como o discurso de resistência reaparece nos dizeres do Jornal Sou de Palmas, posicionando as piadas de Melqui Azevedo, não como um ato humorístico, mas como uma “diminuição”, “um desrespeito”, “deboche”, é preciso investigar os dois campos distintos os quais estão em embate e obedecem a regras comuns, bem como a um mesmo sistema de “formação discursiva” (FOUCAULT, 2017, p. 47). De um lado, há uma formação discursiva humorística a qual apaga o fato de que Palmas, Tocantins é a capital mais jovem da Federação e, portanto, o desenvolvimento dela em relação às demais capitais como São Paulo (469 anos), Porto Alegre (251 anos), Belo Horizonte (126 anos) Pará (200 anos) e tantas outras mais antigas parece não existir.

Essa ilusão de não desenvolvimento só pode ser dissipada através do escavamento histórico (FOUCAULT, 2017) e de um saber que contrasta com o atribuído pelo humorista de que “Palmas parece interior”. De acordo com Soares e Boucher (2023, p. 14), “ao escavar as montanhas dos discursos sobre o Norte, é possível destacar as vozes marginalizadas, histórias omitidas e elementos regionais sub-representados”. De outro modo, é pela investigação de enunciados acerca do Tocantins e pelo rastreio das formações discursivas que se pode perceber os arquivos os quais compõem os dizeres sobre essa região dispersos no espaço e no tempo. Somente com esse movimento poderão ser percebidos “os apagamentos históricos e as interpelações culturais que convergem para criar uma narrativa multifacetada sobre esta região tão esquecida por muitos setores da sociedade brasileira” (SOARES; BOUCHER, 2023, p. 13).

Diante desse prisma investigativo acerca das projeções que tentam definir o Tocantins como o lugar da falta pelo regime de exclusão (FOUCAULT, 2014), tem-se no trecho da matéria-enunciado do Jornal Sou de Palmas uma atualização desses dizeres como um comentário do próprio jornal: “A orla da praia da graciosa é uma graça! Bem aconchegante e rodeada de belezas naturais. Detalhe que Tocantins não tem praia, mas essa é a maneira que eles chamam alguns rios ou lagos”. No final desse comentário, nota-se que o Jornal Sou de Palmas tenta apontar como o humorista recria a cidade, como não tendo praia, insinuando que os Palmenses, por não terem praia, adotam algumas beiras de rios e lagos “como se fossem” uma orla marítima. Desse ponto, tem-se duas ramificações relevantes do comentário midiático: 1) apontar o total desconhecimento do humorista

sobre as praias de água doce e; 2) causar o efeito de imparcialidade, afastando do que se diz ao trazer o próprio autor do dizer.

Ao levar em consideração a noção de comentário em Foucault, entende-se que o enunciado, para além de sua aparição no decorrer dos dias e das trocas, “são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (FOUCAULT, 2014, p. 21). Dessas considerações, verifica-se que Sou de Palmas atualiza não um dizer que tem Melqui Azevedo como autor. De fato, o comentário que reverbera faz parte de uma cadeia de dizeres preexistente sobre o Norte (SOARES; BOUCHER, 2023). Ao investigar a formação discursiva a qual o humorista se filia para dizer o que diz, percebe-se que ele representa a continuidade de um dizer esquecido no tempo. Mais precisamente entre 2016, quando Angela Castanhel (2016) postou em seu blog sobre viagens, “Viajando em 3...2...1”, em condições diferentes, enunciado semelhante: “A Orla da Praia da Graciosa é um lugar lindo e rodeado de natureza que fica em Palmas, Tocantins. Nesse estado não tem praia, mas essa é a maneira como eles chamam alguns lagos e rios”.

Examina-se, desse ponto do percurso analítico que, ao deslocar o comentário primeiro de sua condição de emergência (o elogio a Palmas), para outras condições de produção (o escárnio e a depreciação), apagando a intenção enunciativa desse dizer, Melqui Azevedo faz com que “por vezes, comentários *venha* ocupar o primeiro lugar” (FOUCAULT, 2014, p. 22, *itálico nosso*), permitindo vir à tona, “(infinidamente) novos discursos” (FOUCAULT, 2014, p. 24, parênteses do autor), operando a mudança pela ruptura, pela descontinuidade, mas mantendo parte dessas verdades ecoantes pela história naquilo que é dito. Por essa razão, compreendemos aquela conhecida citação de que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 2014, p. 25).

Pelo apagamento de campos de memórias (FOUCAULT, 2017), de acontecimentos dispersos no espaço e no tempo, os sujeitos são afetados de tal forma a não compreender que os discursos sobre o Norte se manifestam por diversas famílias parafrásticas, ou melhor, por sistemas de enunciados, por arquivos que compõem dada formação discursiva cuja região limítrofe não permite o “falar bem” do Tocantins. Ora, dizer que “o maior shopping só tem um pavimento” é apagar o saber estatístico de que, por ser uma capital planejada com somente 36 anos (em 2025), Palmas, com aproximadamente 302.692 moradores, não tem o ritmo imobiliário igual a outras capitais como Brasília com 2.817.381 habitantes, quase 1 milhão a mais que o Tocantins inteiro 1.935.575 (IBGE, 2022).

Ao rastrear mais longinquamente na história o discurso sobre o Norte, examina-se que os dizeres sobre “a falta de prédios em Palmas”, “o Shopping Center com apenas um pavimento”, “a orla de rio e lagos (sem praias)” são a atualização de um tipo de humor gerado nos primórdios da construção de Palmas, capitaneado pelo programa “Casseta e Planeta Urgente” o qual reproduziu, em 1992, uma imagem panorâmica e humorística sobre o Norte, marcando como um lugar do futuro, por ser esquecido pelo restante do Brasil (ZANONI, 2017). Na relação de saber/poder existente entre o Sul e o Norte do Brasil compreende-se o humor como uma prática aceitável de propagar e propagandear as forças governamentais que dispõe a assimetria entre os supostos submissos e soberanos (FOUCAULT, 2018). O humor do Casseta e Planeta reflete e refrata as condições que o mercantilismo no Brasil impõe para as suas regiões e que reverbera nos dizeres de Melqui Azevedo.

Por seu turno, a mencionada fabricação do Norte como o lugar da falta de desenvolvimento econômico, pauta-se tanto no repúdio criado pela separação do Goiás quanto na histórica marginalização do Norte e do Nordeste como regiões subdesenvolvidas (SOARES; BOUCHER, 2023). Por sua vez, os discursos de resistências também têm suas memórias, seus arquivos, seus sistemas de enunciados reverberando ao longo da história e provam que os dizerem sempre poderiam ser outros. Essa posição subjetiva de saber/poder, na qual o Jornal Sou de Palmas está inserido, combate a perpetuação da soberania dos discursos sulistas que recobrem uma gama de regiões. Não é por acaso que Melqui Azevedo, nordestino, natural de Bananeiras, Paraíba, é subjetivado por um saber sobre o Norte cuja formação discursiva não o permite perceber, por exemplo, que Palmas, nos últimos dois anos iniciou seu processo de verticalização imobiliária, fase que a colocou como uma das cidades que mais cresce na Região Norte do Brasil (CLARK, 2023).

Assim, pensando o enunciado em Foucault como o conjunto de glossas, dizeres, um sistema enunciativo (FOUCAULT, 2014) e, no geral, um arquivo (FOUCAULT, 2017) que constitui a formação discursiva da resistência, ou melhor, os dizeres antagônicos à sua formação discursiva, O Jornal Sou de Palmas, nesta relação contrastiva de poderes, se posiciona como aquele que, ao reproduzir os comentários em defesa a Palmas (“Palmas é a melhor capital para se viver e a única capital planejada do País”, “Esse turista q se diz humorista querendo diminuir minha Capital!” “Sem Noção” entre outros), aloca-se num regime de saber/poder institucional, um dispositivo de práticas discursivas (SOARES, 2025) capaz de replicar, reproduzir e fazer emergir no espaço e no

tempo suas matérias-enunciados as quais se põem a combater todo e qualquer dizer com efeitos de depreciação de Palmas ou do Tocantins, mesmo que estes também seja amparado por um outro saber/poder, o humor, amplamente difundido pelo seu caráter libertador e libertário.

Por fim, sob a égide também da liberdade de expressão e do regime de verdade que as instituições midiáticas se encontram, *Jornal Sou de Palmas*, subjetivada por esse regime, utiliza-se das aspas para distanciar-se daquilo que os internautas enunciam. Assim, o jornal marca sua recusa em assumir a palavra, mas também sinaliza o princípio de polifonia, trazendo a voz do outro para dentro de seu enunciado, reforçando implicitamente seu posicionamento de defesa à Capital pela configuração e disposição dos comentários, pondo em relevo “a devida distância marcada” (SOARES, 2018, p. 198).

Considerações finais

Diante dessa arqueologia empreendida foi possível gerar algumas respostas para os questionamentos feitos inicialmente. Assim, retomam-se as reflexões: no tocante ao embate de forças entre mídia jornalística e humorista, em que medida o *Jornal Sou de Palmas* se posiciona como o sujeito da restrição, aquele que exclui o direito do outro de expressar-se livremente? Na contramão dessa visão, em que medida, o mesmo jornal se coloca como resistência a um arquivo dinâmico que tenta alocar o Norte e, mais especificamente, Palmas, Tocantins, como o lugar da falta, por meio dos enunciados humorísticos? Ao provocar uma reflexão a partir de duas formações discursivas antagônicas, isto é, o discurso de superioridade, hegemônico nas formações sociais colonizadoras, e o discurso de resistência, um espelho ideológico contrastivo, pratica-se um movimento analítico que suprima, em parte, os efeitos das posições discursivas do próprio analista, com uma visada deslocada de seu próprio lugar de fala.

A primeira resposta pôde ser apreendida sutilmente pela exposição dos arquivos que constituem as formações discursivas e, logo, as posições tanto do humorista Melqui Azevedo, quanto do *Jornal Sou de Palmas*, o qual traz comentários do mencionado humorista e dos internautas como forma de jogo polifônico em sua matéria-enunciado. Cada sujeito da interlocução se encontra perpassado pela vontade de verdade (FOUCAULT, 2014), ou melhor, pelo efeito de verdade que cada posição proporciona. Esse entendimento permitiu a compreensão do funcionamento das relações de

saber/poder, as quais configuram a subjetivação econômica cujos efeitos alocam sujeitos tanto na posição de submissão, como na posição de soberano (FOUCAULT, 2018).

Nesse sentido, a formação discursiva do *Jornal Sou de Palmas* é constituída por arquivos suficientes para projetar Palmas como uma capital pujante, progressista e com status de cidade planejada. Em contrapartida, na formação discursiva do humorista Melqui Azevedo, a concepção de capital se constitui por aquilo que ele percebe em outras capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, desconsiderando a especificidade e a história recente de Palmas. Esse “regime de conhecimento reduzido”, reproduzido ao longo da história, retroalimenta a hierarquia imposta pelo discurso acerca do Norte (SOARES; BOUCHER, 2023). De outro modo, no contexto aqui analisado, o humorista, em seu enunciado tido como “ofensivo”, pode ser visto como submisso à “verdade” imposta pela reação social e jornalística. Contudo, o jornal, um dispositivo de práticas discursivas (SOARES, 2025), ao delimitar e interpretar os discursos, exerce uma forma de soberania, regulando o que pode ser dito e como deve ser interpretado.

Na posição argumentativa do humorista (discursivizada pelo *Jornal Sou de Palmas* como o sujeito “do escárnio e do deboche”), Palmas “parece cidade do interior” por não ter uma quantidade considerável de prédios como há em outras capitais, sintomas de um regime de conhecimento urbanístico, reproduzido ao longo da história e que se retroalimenta através das relações de saber/poder, da hierarquia histórica imposta pelo discurso acerca do Norte (SOARES; BOUCHER, 2023). Ora, é perceptível que tanto Melqui Azevedo quanto o *Jornal Sou de Palmas* estão delimitados pela ordem de seus respectivos discursos, quase imperceptíveis, mas materialmente regulatórios como ideologias antagônicas que se espelham e se embatem (SOARES, 2025). De um lado o discurso hegemônico que sustenta o progresso pela arquitetura urbanística sofisticada, do outro, o discurso de resistência que, consciente ou inconscientemente, reproduz a mesma ideia de progresso urbanístico pela máscara do valor identitário quando afirma que “a cidade é planejada”.

Para além desse embate discursivo, a defesa identitária se dá por meio do discurso de resistência. Este sustenta, não a valorização de uma singularidade, mas a busca em se adequar a um modelo hegemônico de urbanização e desenvolvimento, o que levanta a questão se “o discurso de afirmação identitária” não estaria, paradoxalmente, reforçando o próprio ideal colonialista que tenta combater. De outro modo, o que se apresenta como resistência, como sustentação dos traços identitários pode, em certa medida, ser uma forma de espelhamento ideológico, internalizando os padrões daquilo que busca refutar e

perpetuando a visão de que a validação de uma identidade só é possível através da conformidade com modelos externos pregados por um imaginário que naturaliza a ideia de progresso pela verticalização de prédios e de estruturas urbanas sofisticadas.

Nesse sentido, na escala de camadas do saber jornalístico (seu posicionamento profissional, seu lema, visão em prestigiar os acontecimentos de Palmas e do Tocantins etc.), o Jornal Sou de Palmas não pode aceitar, ou melhor, está subjetivado por uma ordem discursiva na qual a liberdade de expressão não funcionar para humoristas como Melqui Azevedo, por sua postura em “falar mal”, “debochar” da Capital. Para além dessa constatação, foi possível observar as redes de dizeres sobre o Norte como a extensão de um acontecimento que não acabou. Por esta razão, é razoável concordar com Soares quando este afirma que *“entendemos que el acontecimiento, como concepto, es portador de algo del propio Análisis del Discurso, algo que aún resuena y parece resonar desde hace mucho tiempo”*⁴ (SOARES, 2023, p. 67).

Diante dessa perspectiva, ao verticalizar a questão metadiscursiva sobre quem ocupa as posições de submisso e soberano (FOUCAULT, 2018) na relação de poder discursivo, percebe-se que essa dinâmica é fluida e complexa. De outro modo, se o humorista e seus comentários são submetidos à censura social e jornalística, o jornal, por sua vez, exerce uma soberania ao selecionar, interpretar e enquadrar os enunciados, porquanto “a mídia gerencia os discursos circulantes ao ponto de se tornar uma espécie de reguladora dos discursos”. (SOARES, 2022, p. 37). Contudo, é fundamental reconhecer que o próprio percurso analítico desses autores, ao delimitar, analisar e interpretar os discursos do jornal, do humorista e dos comentaristas, também se posiciona como agentes de discurso acadêmico que regulam, em certa medida, essa ordem discursiva. Dada análise, embora busque uma compreensão crítica, não escapa a uma intervenção que reinterpreta os sentidos, demarcando a inevitável dimensão de poder presente em todo ato de enunciação e análise.

Portanto, ao final dessa breve arqueologia, ressalta-se o relevante potencial heurístico do estudo da resistência, não como ato libertário, mas como ordem restritiva que, em certa medida, apaga direitos consolidados pelo saber jurídico para servir a uma rede de sentido crescente, a qual, como um acontecimento quase perpétuo de

⁴ Em tradução livre: “entendemos que o acontecimento, como um conceito, é portador de algo da própria Análise do Discurso, algo que ainda ressoa e parece ressoar desde muito tempo atrás” (SOARES, 2023, p. 67).

continuidades e descontinuidades, funciona como um contrapoder aos imaginários que projetam o Norte e, mais especificamente, o Tocantins, como a região da falta, ao mesmo tempo em que, como percebido, pode reproduzir ideologicamente os padrões que almeja superar.

Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. [recurso eletrônico]. Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação, 2023. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

CASTANHEL, Ângela. 9 de maio de 2016. Viajando em 321, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/viajandoem321/>. Acesso em 05 jul. 2025.

CLARK, Fábio. Verticalização de Palmas começa a mudar a paisagem da cidade e segue em ritmo forte. **Rede Jovem News**, 2023. Disponível em: <https://redejovemnews.com.br/2023/06/15/verticalizacao-de-palmas-comeca-a-mudar-a-paisagem-da-cidade-e-segue-em-ritmo-forte/>. Acesso em 22 dez. 2023.

COELHO, Gabrielly. Sou da terrinha do pão de queijo! **Voz das Comunidades**. Disponível em: <https://www.vozdascomunidades.com.br/geral/sou-da-terrinha-do-pao-de-queijo/>. Acesso em 19 dez. 2023.

QUEM SOMOS. **Jornal Sou de Palmas**, 2023. Disponível em: <https://soudepalmas.com.br/quem-somos>. Acesso em 19 dez. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2017.

FOUCAULT, Michel. Soberania e disciplina. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. 8ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018. p. 278-295.

GONÇALVES, Daniel Luis Cidade. A liberdade cética de Michel Foucault. **Revista Estudos Filosóficos** nº 9, 2012. p. 68-76. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/art6_rev9.pdf. Acesso em 21 dez. 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico. **IBGE**, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/df/brasil/panorama>. Acesso em 22 dez. 2023.

ORÁCULO. Como surgiu o canto: “eeeeu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amoooooor”? Superinteressante, 2017. Disponível em: <https://super.abril.com.br/coluna/oraculo/como-surgiu-o-canto-eu-sou-brasileiro-com-muito-orgulho-com-muito-amor>. Acesso em: 19 dez. 2023.

POSSENTI, Sírio. **Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

REDAÇÃO. DEU O QUE FALAR! Humorista diz que “Palmas parece interior” e revolta internautas: “Foi na capital para ficar falando mal da cidade”. **Jornal Sou de Palmas**, 2022. Disponível em: <https://soudepalmas.com.br/palmas/deu-o-que-falar-humorista-diz-que-palmas-parece-interior-e-revolta-internautas-foi-na-capital-pra-ficar-falando-mal-da-cidade>. Acesso em: 17 dez. 2023.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Maria do Rosário Gregolin et al. São Carlos: Claraluz, 2005.

RAFFIN, Marcelo. A noção de discurso em Michel Foucault. In: BUTTURI JUNIOR, Atilio; BRAGA, Sandro; SOARES, Thiago Barbosa (Org.). **No campo discursivo: teoria e análise**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percurso Linguístico: conceitos, críticas e apontamentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES, Thiago Barbosa. 1969, o ano que não terminou: o acontecimento da Análise do Discurso. In: BUTTURI JUNIOR, Atilio; BRAGA, Sandro; SOARES, Thiago Barbosa (Org.). **No campo discursivo: teoria e análise**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percurso Discursivo: heterogeneidades epistemológicas aplicadas**, Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SOARES, Thiago Barbosa. 1969, el año que no terminó: el acontecimiento del análisis del discurso. **Ciências & Trópico**, v.47, n. 2, 2023. p. 53-72. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/2192>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SOARES, Thiago Barbosa. **Arqueogenealogias do discurso do Norte: sentidos e sujeitos tocantinenses**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025.

VEYNE, Paul. Compreender a trama. In: VEYNE, Paul. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 81-95.

ZANONI, Lucas. Casseta & Planeta Urgente (1992) – Completo. **YouTube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6sf4vFnxRUU>. Acesso em 19 dez. 2023.

Submissão: 25/09/2024. Aprovação: 05/07/2025. Publicação: 29/08/2025.